

O cuidado com pessoas doentes em tempos de crise na saúde pública:

um olhar a partir da prática compassiva e solidária de Jesus

*Care for sick people in times of crisis in public health:
a look from the compassionate and solidary practice of Jesus*

João Luiz Correia Júnior*
Álvaro César Pestana**

* Doutor em Teologia (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro) e Mestre em Teologia (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro).

Professor Titular da Universidade Católica de Pernambuco, Brasil.
joao.correia@unicap.br

** Doutorando em Ciências da Religião (Universidade Católica de Pernambuco) e Mestre em Letras Clássicas (Universidade de São Paulo).
alvaropestana@gmail.com

Recebido em: 15/07/2020

Aprovado em: 20/07/2021

Licença *Creative Commons*
CC BY 4.0



abib
Associação Brasileira
de Pesquisa Bíblica

Resumo

O mundo tem passado por crises sanitárias cada vez mais preocupantes e traumáticas ao longo da história. A medicina tem procurado desenvolver protocolos científicos para lidar com essas crises em todos os níveis: locais, regionais, nacionais e mundiais. Com o advento do fenômeno da globalização, a preocupação se torna ainda maior, pois a humanidade se vê, cada vez mais, ameaçada em sua existência, por inúmeros vírus potencialmente mortais. Para enfrentar esse “novo normal”, urge que se tenham cuidados com a saúde pessoal e das pessoas com quem convivemos. Saber cuidar de si e do semelhante é um imperativo ético que, cultivado com amor, será uma forma de preservar o valioso dom da vida. Dentro desse contexto, o presente estudo tem como objeto buscar no Jesus do Evangelho segundo Marcos, algumas inspirações cristãs para fortalecer esse cuidado para com as pessoas doentes, próximas a nós, ou das quais nos aproximamos por compaixão e solidariedade.

Palavras-chave: Compaixão solidária. Curas. Evangelho. Amor ao próximo.

Abstract

The world has been experiencing increasingly worrying and traumatic health crises throughout history. Medicine has sought to develop scientific protocols to deal with these crises at all levels: local, regional, national and worldwide. With the advent of the phenomenon of globalization, the concern becomes even greater, as humanity is increasingly threatened in its existence by numerous potentially deadly viruses. In order to face this “new normal”, there is an urgent need to take care of personal health and of the people with whom we live. Knowing how to take care of oneself and others is an ethical imperative that cultivated with love, will be a way to preserve the valuable gift of life. Within this context, the present study aims to search the Jesus of the Gospel according to Mark, for

some Christian inspirations to strengthen this care for sick people, close to us, or to whom we approach out of compassion and solidarity.

Keywords: Compassionate solidarity. Cures. Gospel. Love the neighbor.

1 Introdução

O contexto histórico e geográfico de Jesus está situado há mais de dois mil anos no mundo antigo, geograficamente localizado ao norte da Palestina, a Galileia, sob domínio do Império Romano.¹ Do ponto de vista socioeconômico, as aldeias – baseadas na agricultura familiar – começavam a se desintegrar sob as pressões do domínio romano que forçavam a cobrança de pesados impostos taxados sobre a produção, e de cidades reais recém (re)construídas que impunham uma produção agrícola para a sustentação dos habitantes desses centros urbanos. Nesse contexto, “Jesus deve ser compreendido como o líder profético de um movimento de renovação israelita baseado nas aldeias” (HORSLEY, 2000, p. 166).

A desintegração social das aldeias era evidente. Ali vivia a maior parte da população daquela sociedade fundamentalmente agrária. As melhores terras passavam gradativamente para as mãos de famílias mais abastadas (uma minoria protegida pela administração romana), pois os antigos proprietários vendiam suas terras para saldar suas dívidas. A maior parte do terreno era de difícil cultivo, com dificuldades provenientes do clima (as secas eram frequentes) e de catástrofes naturais. Com isso, os problemas eram facilmente percebidos socialmente, na grande multidão de excluídos sociais, abandonados à própria sorte como um rebanho sem pastor; só para citar alguns mais evidentes: (a) o endividamento e empobrecimento progressivo dos camponeses por conta do rígido sistema de impostos (sobre as pessoas físicas e propriedades) como indiretos (sobre o comércio e as transações comerciais), além dos impostos dedicados ao Templo e aos sacerdotes; (b) os árduos trabalhos no campo, para suprir a demanda familiar e das cidades, o que deve ter trazido atrofia física e adoecimentos constantes; (c) a baixa estima e revolta generalizada; o atentado sofrido pelo povo, ou por uma parte dele, contra seu direito ao desfrute da terra equivalia a um atentado direto contra a justiça de Deus; os pobres (a “grande multidão”) formam o conjunto desse povo humilhado e sem terra, que se vende como diarista, quando aparece algum trabalho, e que espera a ação libertadora do Deus da justiça para restabelecer seu direito extirpado violentamente (VIDAL, 2009).

Por falta de condições para manter as necessidades básicas nas aldeias, pode-se inferir que a higiene pessoal e comunitária era cada vez mais precária, dando margem à proliferação dos mais diversos tipos de doenças, inclusive infectuosas. O Evangelho segundo Marcos contempla Jesus em contato constante com pessoas doentes do seu contexto, que acorriam a ele como um taumaturgo, homem de Deus capaz de curar doenças e enfermidade, com poder divino: “Ao anoitecer, quando o sol se pôs, trouxeram-lhe todos os que estavam enfermos e endemoninhados. E a cidade inteira aglomrou-se à porta. E ele curou muitos doentes de diversas enfermidades e expulsou muitos demônios” (Mc 1,32-34a).

¹ Sobre o contexto histórico e social de Jesus, sugerimos estudos traduzidos para o português de Richard Horsley, que apresenta a arqueologia, a história e a sociedade na Galileia, publicado pela Paulus (HORSLEY, 2000).

Nessa passagem e ao longo da atividade messiânica de Jesus, o Evangelho segundo Marcos apresenta um amplo material narrativo que relata ações taumatúrgicas do Mestre². Esses relatos fazem parte do gênero literário chamado de “narrativas de milagres”³. As curas e exorcismos formam a grande parte desse material narrativo⁴.

Esses relatos revelam o poder de Jesus sobre as forças do mal e, ao mesmo tempo, a irrupção de um novo tempo, o do Reino de Deus, num contexto histórico bastante ameaçador do reino de Herodes: “Depois que João foi preso, veio Jesus para a Galileia proclamando o Evangelho de Deus: ‘Cumpru-se o tempo e o Reino de Deus está próximo. Arrependei-vos [convertei-vos] e crede no Evangelho’”⁵ (Mc 1,14-15).

Está completo o tempo. É o *kairós*, o tempo oportuno e favorável (conforme Mc 11,13; 12,2). Trata-se de categoria da linguagem profético-apocalíptica para designar a História como marcha, em última análise, dirigida por Deus. A humanidade faz a História, mas através de sua caminhada Deus vai tornar vitorioso seu desígnio de salvação. Aqui reside o mistério da História. De um lado, o campo está aberto à ação humana, daí a interpelação a converter-se, a mudar de vida. Doutro lado, é como se Deus ‘fixasse os tempos’, o momento exato, possibilitasse oportunidades de crise e decisão, ocasiões em que o tempo como que se concentra e torna-se possível um salto qualitativo adiante. É a leitura de fé dos grandes momentos de chance histórica (cf. Is 56,1; Ez 7,3.12; 9,1; Lm 4,18; Dn 7,22; 1Pd 1,11; Ap 1,3). A atenção se volta ao presente. O

² Rinaldo Fabris (2014) afirma que se pode pensar que Marcos tenha primeiro introduzido no esquema do evangelho a atividade taumatúrgica de Jesus (ação com poder divino para curar e exorcizar demônios), dando-lhe um peso simétrico ao das palavras-ensinamento. Esta intencionalidade de Marcos aparece nos breves resumos da atividade de Jesus, que estruturam a textura de seu evangelho. Jesus, circundado e comprimido pela multidão numerosa, cura muitos doentes e endemoninhados.

³ Gerd Theissen e Annette Merz (2002) apresentam subgêneros de relatos ou narrativas de milagres: exorcismos (expulsão de um demônio do corpo de uma pessoa possuída; terapias (cura provocada pela transferência de uma energia miraculosa do taumaturgo para o doente); milagres de normas (servem para embasar normas, punir infrações contra de normas ou recompensar seu cumprimento; exemplo, a maldição contra a figueira: Mc 11,12-14.20ss; na cura de uma mão parálitica, em dia de sábado: Mc 2,23ss); milagres de dádivas (multiplicação de pães; pesca miraculosa; o vinho em Caná); milagres de resgate (o cessar da tempestade; o andar sobre as águas) e epifanias (Jesus aparece transfigurado no Tabor ou glorificado, após a ressurreição).

⁴ Seguindo a classificação sobre relatos de curas e exorcismos de Jesus, feita por Rinaldo Fabris (2014. 480-481), e conforme quadro sinótico de Luís Schiavo e Valmor da Silva (2000, p. 123-125), tem-se o seguinte: (a) cinco sumários de curas e exorcismos: Mc 1,32-34; 1,39; 3,7-12; 6,5-6; 6,53-56; (b) nove curas: a sogra de Pedro (1,29-31); o leproso (1,40-45); o parálitico (2,1-12); o homem com a mão atrofiada (3,1-6); a filha de Jairo (5,21-24. 35-43); a mulher com hemorragia (5,25-34); o surdo-gago (7,31-37); o cego de Betsaida (8,22-26); o cego de Jericó, Bartimeu (10,46-52); (c) quatro exorcismos: o endemoninhado na sinagoga (Mc 1,23-28); o endemoninhado geraseno (5,1-20); a filha endemoninhada da mulher siro-fenícia (Mc 7,24-30); o epiléptico endemoninhado (9,14-29); (d) Obs.): até os discípulos de Jesus realizam curas: Mc 3,14; 6,7-13.

⁵ Seguimos aqui, neste artigo, a tradução da Bíblia de Jerusalém (2002).

tempo do Mal está vencido, é o Hoje da salvação e da decisão (Lc 4,21), alegria e urgência para o povo (Jo 5,25) (SOARES; CORREIA JÚNIOR; OLIVA, 2012, p. 67).

Nesses novos tempos da irrupção do Reino de Deus, é fundamental dizer aos que perseveraram até o fim, como o profeta João Batista, que “os cegos, recuperam a vista, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e aos pobres é anunciado o Evangelho” (Lc 7,22). Como afirmam Gerd Theissen e Annette Merz (2002, p. 305), “assim como o Reino de Deus está no centro da pregação de Jesus, as curas e exorcismos constituem o centro de sua atividade”.

As ações de Jesus que restauram vidas humanas, não respondem à demanda pelo extraordinário ou pelo espetáculo gratuito e curioso, próprias de quem busca apenas a intermediação divina para as suas necessidades imediatas (de curas ou de razões para crer). As curas e exorcismos de Jesus têm como objetivo restaurar a dignidade humana em sua integridade, dignidade e liberdade para viver com saúde nos tão esperados tempos messiânicos, em que todos tenham vida, e vida em abundância (Jo 10,10).

Nessa perspectiva, Gerd Theissen e Annette Merz (2002) afirmam que as narrativas de curas e exorcismos de Jesus contêm um protesto contra o sofrimento humano, consequência da pobreza que gera fome, desnutrição, doenças diversas físicas e mentais, mortes e revoltas generalizadas. Sempre que as pessoas ouvirem essas histórias, elas não vão ficar conformadas com o fato de não haver nenhuma cura para muitos doentes, de não haver para os perturbados nenhum teto neste mundo! Sempre que essas histórias forem narradas, as pessoas vão deixar de virar as costas para os enfermos que parecem sem esperança. Sempre que essas narrativas forem refletidas e aprofundadas, lembrar-se-á do testemunho de Jesus de Nazaré, que assumiu com compaixão a dor dos empobrecidos, procurando lhes dar uma resposta imediata, enfrentado com medo e coragem todos os perigos dessa missão, até as últimas consequências.

Das narrativas, pode-se apreciar tanto o apreço da igreja de Marcos da práxis do cuidado de Jesus, como também encontrar nelas o espelhamento da práxis da igreja cristã primeva. Sem discutir a realidade histórica dessas narrativas, Ched Myers (1992) convida a fazer a sua leitura como “ações simbólicas” que despertem um sentido novo no contexto em que foram escritas, e sirvam como discurso simbólico que faça sentido nos diversos contextos em que forem lidas, também, para o nosso.

O presente artigo tem por finalidade apresentar alguns aspectos interessantes dessa prática de Jesus Cristo no cuidado com doentes que, de algum modo, podem servir de inspiração, para as pessoas de fé cristã, no cuidado com a saúde em tempos de crise sanitária, tais como surtos de doenças endêmicas e pandemias, como a que estamos vivendo hoje.

Nesse aspecto, sete testemunhos de Jesus são apresentados, tendo-se por base a narrativa do Evangelho segundo Marcos, “o primeiro exemplar de ‘evangelho’ chegado até nós”, inaugurando o modelo literário chamado “evangelho” (FABRIS, 2014, p. 423). Foi escrito num momento de crise, histórico decisivo para a continuidade da fé em Jesus como o Cristo: a) o desaparecimento da primeira geração de discípulos e discípulas, testemunhas diretas das ações e palavras de Jesus; b) por adeptos de Jesus que viveram mais próximos à realidade histórica e geográfica de Jesus de Nazaré, e que, provavelmente, guardaram relatos menos burilados do ponto de vista narrativo e teológico (SOARES; CORREIA JÚNIOR; OLIVA, 2012).

Assim, podemos inferir que por trás das palavras das narrativas de curas revelam-se elementos fundamentais da ação de Jesus, tomadas como essenciais para despertar uma prática humanista restauradora de vidas:

- 1) A motivação do cuidado para com pessoas doentes (compaixão solidária: Mc 8,2);
- 2) O carinho de cuidar das pessoas em suas casas (a cura da sogra de Pedro na casa dela, em Mc 1,29-31);
- 3) O atendimento imediato de pessoas doentes que lhe suplicam cuidado (a cura de um leproso em Mc 1,40-45);
- 4) A presença corajosa em lugares onde proliferam doenças (curas na região de Genesaré, em Mc 6,53-56);
- 5) O enfrentamento das impurezas contagiosas (ensinamentos sobre o puro e o impuro, em Mc 7,14-23);
- 6) A força para cuidar das doenças por meio da oração (Mc 9,29);
- 7) A vigilância constante diante das dificuldades na missão (Mc 14,32-42).

Esses elementos podem suscitar um novo sentido para a prática cotidiana no cuidado com as pessoas doentes, no contexto histórico em que foi lido e interpretado o Evangelho. Assim, vejamos:

2 A motivação do cuidado para com pessoas doentes e abandonadas à própria sorte

O evangelho segundo Marcos em poucas ocasiões faz referência à motivação que levou Jesus a cuidar das pessoas doentes. Apesar disso, fica claro que essa motivação foi causada por profunda compaixão diante do sofrimento humano. É o que se percebe nos seguintes textos:

- a) Na cura do leproso (Mc 1,40-41):

Um leproso foi até ele, implorando-lhe de joelhos: “Se queres, tens o poder de purificar-me”. Irado (variante: “**movido de compaixão**”), estendeu a mão, tocou-o e disse-lhe: “Eu quero, sê purificado”.

- b) No argumento de um pai pela cura de seu filho endemoninhado (Mc 9,17.22):

“Mestre, eu te trouxe meu filho que tem um espírito mudo... Mas, se tu podes, ajuda-nos, **tem compaixão** de nós”.

- c) Ao ver a grande multidão, abandonada à própria sorte (Mc 6,34):

Assim que ele desembarcou, viu uma grande multidão e **ficou tomado de compaixão** por eles, pois estavam como ovelhas sem pastor. E começou a ensinar-lhes muitas coisas.

- d) Na segunda multiplicação dos pães (Mc 8,2), quando o próprio Jesus afirma:

Tenho compaixão da multidão, porque já faz três dias que está comigo e não têm o que comer.

Em Mc 8,2, por exemplo, ao afirmar “tenho compaixão”, Jesus sente no seu próprio corpo o impacto do que vê, a situação da multidão que passa fome; ele é comovido pela necessidade real das inúmeras pessoas que o seguem por toda parte. O verbo que expressa nessa passagem do Evangelho esse sentimento que brota das entranhas de Jesus é o verbo grego *splagchnizomai*, derivado do substantivo *splagchnon*, que significa intestinos, vísceras, entranhas (como o coração).⁶ São as partes internas do corpo das quais parecem surgir as emoções mais fortes. O verbo grego, portanto, tem a semântica de uma metáfora: significa um sentimento que mexe por dentro, movimento ou impulso que brota das entranhas da pessoa. É por isso que os tradutores precisam lançar mão de expressões como “foi tomado de compaixão” ou “seu coração se comoveu com eles”. Mas nem mesmo essas expressões conseguem captar a profunda emoção física e emocional da palavra grega para “compaixão” (NOLAN, 1988, p. 49).

A compaixão é, portanto, um sentimento que mexe com a pessoa até às entranhas: é sentir profundamente a partir de outrem, sofrer-com, fazer-se um com o outro de tal modo que a causa do outro termina sendo sua. Jesus ficou tomado de compaixão pela grande multidão “pois estavam como ovelhas sem pastor”. A razão é clara: o descompromisso político com a “grande multidão” por parte de quem, por obrigação, devia cuidar, causa em Jesus tal sentimento profundo...

Conforme Perondi (2017, p.75) “não basta a compaixão! É preciso agir. Somente ações caritativas mudam, restauram a situação.” O termo caracteriza o agir messiânico de Jesus, que, diante de situações cruciais em que se defrontava, era movido de compaixão e agia no intuito de restaurar vidas ameaçadas por diversos tipos de enfermidades (PERONDI, 2014).

Assim, a palavra utilizada por Marcos para descrever a motivação de cuidado de Jesus, é rica em carga semântica, associada ao conceito hebraico de misericórdia, na palavra *rah^amim*, literalmente, “útero” (MACLAURIN, 1971). O verbo é sempre usado para descrever o que motiva a ação de Jesus, de Deus ou de personagens parabólicos que remetem à divindade (PERONDI, 2014).

Tudo isso para dizer que o cuidado de Jesus é cuidado materno, cuidado empático: “homem sujeito à dor, familiarizado com o sofrimento” (Is 53,3) que assume as feridas dos outros para curá-los (1Pd 2,24).

3 O carinho de cuidar das pessoas em suas casas

No Evangelho segundo Marcos, tem-se alguns exemplos do carinho e atenção de Jesus em ir às casas das pessoas para cuidar delas. Um primeiro exemplo é a narrativa da cura da sogra de Pedro (Mc 1,29-31):

E logo ao sair da sinagoga, foi à casa de Simão e de André, com Tiago e João. A sogra de Simão estava de cama com febre, e eles imediatamente o mencionaram a Jesus. Aproximando-se, ele a tomou pela mão e a fez levantar-se. A febre a deixou e ela se pôs a servi-los.

⁶ Sobre o sentido desse verbo, ver Rusconi (2003, p. 423-424), verbetes *splagchnizomai* e *splagchnon*. Ver também o mesmo verbete em Dicionário de Grego-português, (2010, p. 1273).

A frase “Aproximando-se, ele a tomou pela mão e a fez levantar-se” (Mc 1,31) lembra o cuidado amoroso de Deus para com o povo de Israel:

Jr 31,32: *Iahweh* tomou Israel pela mão para tirá-lo da escravidão na terra do Egito, estabelecendo uma aliança com esse povo;

Is 41,13: “...eu, *Iahweh*, teu Deus, te tomei pela mão direita e te digo: ‘Não temas, sou eu que te ajudo’”.

A sogra de Pedro, uma vez curada, levanta-se para servir a todos (Mc 1,31). Assim como *Yahweh* vocacionou o seu Servo, tomando-o pela mão (Is 42,6), esta mulher agora encarna a mesma disposição. O carinho divino de Jesus gera gratidão que reverbera em *diakonia*, serviço que colabora diretamente na missão de instauração do Reino de Deus.

Esse gesto de atenção e carinho de ir à casa de quem está doente, para cuidar delas, foi repetido por Jesus em outras ocasiões. Em Mc 5,22-24, Jesus atende a súplica do chefe da Sinagoga para ir à sua casa impor as mãos sobre a sua filha, à beira da morte (Mc 5,22-24).

O carinho de cuidar das pessoas denota não só atenção, mas é a comprovação de que Jesus se insere nas vilas e aldeias da Galileia, num movimento itinerante que se aproxima das necessidades imediatas do seu povo.

4 O atendimento imediato de pessoas doentes

“Um leproso foi até ele, implorando-lhe de joelhos: ‘Se queres, tens o poder de purificar-me’... ‘Eu quero, sê purificado’. E logo a lepra o deixou. E ficou purificado” (Mc 1,40-42).

A pronta resposta de Jesus ao leproso suplicante, fazendo a devolutiva de sua fala usando as palavras que ele usou aponta para o cuidado imediato de Jesus pelos doentes. O advérbio predileto de Marcos, *euthys*, “logo, sem demora, imediatamente, de uma vez” (RUSCONI, 2003, p. 204; GINGRICH; DANKER, 1984, p. 88) assinala o pronto atendimento de Jesus, diante das necessidades das pessoas. Quando comparado com a grande demora e complexidade da declaração de purificação do leproso conforme a *Toráh*, o contraste fica mais chocante ainda (Lv 14,1-32).

Existe a medicina que só piora a doença por estender seu prazo e não resolver as demandas. Marcos 5,25-34 narra que uma mulher buscou cura por 12 anos e só agravou sua enfermidade. No encontro com Jesus, foi curada imediatamente (*euthys*).

Hoje em dia, com a dificuldade do acesso à saúde e aos meios eficazes de cuidado imediato, cresce a ansiedade das pessoas, surgem novas enfermidades e agravam-se os quadros de comorbidades diversas... Aos poucos, gradativamente, esvai-se a esperança das pessoas, sobretudo das mais pobres.

O que há de boa nova na prática de Jesus junto aos doentes é seu pronto atendimento de pessoas que surgem da grande multidão abandonada pelos que deviam cuidar, e não se preocupam em fazê-lo. Ele não espera pelos outros, mas se esforça para ajudar imediatamente. Por conta dessa urgência no atendimento, Jesus não agiu sozinho. Formou um grupo de discípulos e discípulas para que colaborasse na missão a curar as pessoas, de forma imediata, configurando a instauração do Reino de Deus: “E

constituiu Doze, para que ficassem com ele, para enviá-los a pregar, e terem autoridade para expulsar os demônios” (Mc 3,14-15). Curar as pessoas de suas mazelas físicas e mentais era, pois, algo urgente, numa sociedade empobrecida e doente.

5 A presença corajosa em lugares onde proliferam doenças

Logo no primeiro capítulo do Evangelho segundo Marcos (1,28) está escrito que, após o primeiro exorcismo, dentro da Sinagoga de Cafarnaum, a fama de Jesus “se espalhou por todo lugar, em toda a redondeza da Galileia”. Segundo o texto de Marcos, na madrugada do primeiro dia, estando ainda escuro, Simão e os seus companheiros o procuram ansiosos e, quando o acharam, disseram-lhe: “Todos te procuram”. Jesus, porém, disse-lhes: “Vamos a outros lugares, às aldeias da vizinhança, a fim de pregar também ali...”. E foi por toda a Galileia, pregando em suas sinagogas e expulsando os demônios (Mc 1,35-39). E, sempre acompanhado por seu discipulado e por uma “grande multidão”, Jesus dá início ao seu movimento itinerante.

A “multidão” aparece aqui com as seguintes características: (a) É constituída de um número elevado de pessoas, o que explica a necessidade de usar o adjetivo *polys*, “grande”⁷; (b) Encontra-se à espera de Jesus; (c) Suscita nele compaixão: no texto paralelo (Mt 9,36) é dito que Jesus teve compaixão dela “porque estava cansada e abatida como ovelhas sem pastor”. Trata-se de um grande número de pessoas desenraizadas socialmente. Como afirma Emilio Voigt (2014, p. 43):

Pequenos agricultores perdiam suas propriedades por causa de muitos endividamentos, colheitas fracas ou doenças, tornando-se meeiros dependentes ou também escravos... A repartição injusta do solo e a organização da estrutura de poder e de governo, exercida pelos centros urbanos, faziam que as contraposições entre cidade e campo e a desigualdade social aumentasse.

Motivado por compaixão solidária, Jesus visitou e exerceu atividade de cura em lugares onde havia muitos doentes, como se nota no pequeno sumário do Evangelho segundo Marcos, relatando as curas na região de Genesaré (Mc 6,53-56):

⁷ Marcos utiliza o termo “multidão” (*ochlos*, em grego) em detrimento da palavra “povo” (*laos*, em grego). Em seu comentário ao Evangelho de Marcos, Ched Myers demonstra que há estudos no sentido de que Marcos compreendeu o termo *ochlos*, “multidão”, como sendo análogo à expressão hebraica *‘am ha’aretz*, “povo da terra”. O autor lembra que tal expressão, nos tempos pré-exílicos, designava judeus proprietários de terras, mas durante o exílio e depois dele a palavra se referia aos homens comuns deixados para trás na Palestina, que assumiram a propriedade da terra. Depois do tempo de Esdras, o termo passou a significar especificamente a classe mais baixa, pobre, não-educada e ignorante da lei. Se tais estudos estão corretos, conclui Myers, “então merece particular atenção o fato de os rabinos ensinarem que os judeus não deviam participar de refeições, nem viajar junto com os *‘am ha’aretz*. Não obstante, Marcos apresenta Jesus fazendo ambas as coisas com *ochlos*” (MYERS, 1992, 198-199).

Terminada a travessia, alcançaram terra em Genesaré e aportaram. Mal desceram do barco, os habitantes logo o reconheceram. Percorreram toda aquela região e começaram a transportar os doentes em seus leitos, onde quer que descobrissem que ele estava. Em todos os lugares onde entrava, nos povoados, nas cidades ou nos campos, colocavam os doentes nas praças, rogando que lhes permitisse ao menos tocar na orla de seu manto. E todos os que o tocavam eram salvos.

Discute-se se a região era predominantemente judaica ou gentílica (MYERS, 1992), mas o fato é que a presença de Jesus em aproximar-se daquele lugar e de sua população sofrida, provocou uma disposição de solidariedade dos próprios habitantes do lugar para com os doentes, que foram literalmente levados até Jesus, para obterem a cura de suas mazelas.

Conforme Horsley (2004) faz questão de assinalar, o movimento geográfico de Jesus gera um movimento social na Galileia. Seus deslocamentos e sua assistência aos doentes geram mobilização que, ao final, eclode em plena “salvação”, como a *Bíblia de Jerusalém* resolveu traduzir o verbo final do verso 56, e não apenas cura, que é também um dos possíveis sentidos daquele verbo.

6 O enfrentamento das impurezas contagiosas

A relativização das práticas de tradições rituais que distinguiam o puro do impuro, realizada por Jesus em seu ministério (Mc 7,1-23) e depois acompanhado por Pedro em sua prática missionária (At 10-11), adicionam um elemento paradoxal no ministério de curas de Jesus.

Em nossa visão ocidental, as práticas de pureza da religião de Israel visariam o que consideramos hoje como práticas de higiene e saúde. Contudo, estudos como os da antropóloga Mary Douglas (1976) mostraram que tais conceitos revelam mais sobre a cosmovisão dos antigos israelitas do que seus cuidados com a saúde; logo, a remoção destes interditos representou, para Jesus e os movimentos que dele se originaram, a possibilidade do enfrentamento das causas maiores dos problemas espirituais e sociais.

Seu combate dos escrúpulos de pureza alimentar e ritual visava o retorno à prática da justiça e do cuidado humanitário e familiar com os anciãos, tal como honrar pai e mãe (Mc 7,1-13):

Ora, os fariseus e alguns escribas vindos de Jerusalém se reúnem em volta dele. Vendo que alguns dos seus discípulos comiam os pães com mãos impuras, isto é, sem lavá-las – os fariseus, com efeito, e todos os judeus, conforme a tradição dos antigos, não comem sem lavar o braço até o cotovelo, e, ao voltarem da praça pública, não comem sem antes se aspergir, e muitos outros costumes que observam por tradição: lavação de copos, de jarros, de vasos de metal – os fariseus e os escribas o interrogam: “Por que não se comportam os teus discípulos segundo a tradição dos antigos, mas comem o pão com mãos impuras?” Ele lhes respondeu: “Bem profetizou Isaías a respeito de vós, hipócritas, como está escrito: *Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim. Em vão me prestam culto; as doutrinas que ensinam são apenas mandamentos humanos*. Abandonais o mandamento de Deus, apegando-vos à tradição dos homens”. E dizia-lhes: “Sabeis muito bem desprezar o mandamento de Deus para observar a

vossa tradição. Com efeito, Moisés disse: *Honra teu pai e tua mãe, e: Aquele que amaldiçoar pai ou mãe certamente deve morrer*. Vós, porém, dizeis: Se alguém disser a seu pai ou a sua mãe: os bens com que eu poderia te ajudar são *Corban*, isto é, oferta sagrada – vós não o deixareis fazer mais nada por seu pai ou por sua mãe. Assim, invalidais a Palavra de Deus pela tradição que transmitistes. E fazeis muitas outras coisas desse gênero”.

Pode parecer contraproducente para a saúde, deixar os hábitos rituais de lavar mãos e evitar certos alimentos, mas Jesus percebeu que tais práticas substituíram o comportamento moral e ético baseado na justiça de Deus. Para Jesus, o melhor procedimento está em cultivar valores que brotem do coração humano (do seu interior, motivado por profunda compaixão), que se concretizam em ações solidárias para com as pessoas mais vulneráveis da sociedade, como, por exemplo, as pessoas que devem ser honradas com os cuidados necessários em sua velhice, por questão de justiça (“Honrar pai e mãe”).

O primeiro combate pela pureza e, nós diríamos, pela higiene e saúde, começa com a justiça, o caráter e o cuidado social que brotam dos valores éticos que fortalecem a dignidade humana. Logo, se tentarmos promover saúde, higiene e bem estar apenas por mecanismos externos à sociedade, o resultado será o que se percebe hoje: esses elementos são usados para criar mais injustiça, corrupção e desigualdade, e, adicionalmente, não solucionam as demandas da saúde e bem estar da população.

O enfrentamento das impurezas contagiosas que assolam a saúde pública se resolve não apenas com o Direito e sua legislação, mas com o Direito, a Justiça e retidão, motivação interior (compaixão) que se transforma em ação solidária em prol da vida saudável na plenitude da abundância (Jo 10,10).

7 A força para cuidar das doenças por meio da oração

A missão de cuidar de doentes é árdua e, às vezes, desanimadora. Precisa de muita oração, por meio da qual se cultiva uma mística pessoal de constante contato com o Deus da Vida.

Embora o discipulado tenha recebido de Jesus formação exemplar e autorização para a missão de pregar com autoridade e de expulsar as “forças do mal” que adoecem as pessoas (“demônios”, conforme Mc 3,14-15; “espíritos impuros”, conforme Mc 6,7), só isso não foi suficiente. Ao descer do monte da transfiguração, Jesus recebe a reclamação de que seus discípulos não conseguiram curar um menino tomado por um espírito que o deixa mudo e epilético (Mc 9,14-19). Jesus classificou tal falta como sinal de incredulidade (Mc 9,19) e depois curou o menino (Mc 9,20-27). Em particular, os discípulos perguntaram sobre a razão de curar o menino e a resposta de Jesus foi clara: “Essa espécie não pode sair a não ser com oração” (Mc 9,29).

Nessa narrativa, Jesus parece chamar a atenção para determinadas doenças que exigem a oração. Importante notar que no exato momento da cura, Jesus não faz nenhuma oração (Mc 9,25-27). Logo, o que Jesus recomendou é uma prática constante e disciplinada de oração enquanto comunhão com o Deus da Vida. Talvez a falha dos discípulos fosse, justamente, confiar em suas habilidades terapêuticas como se elas

fossem um tipo de mágica ou curandeirismo. Jesus recusa essa prática e recomenda o desenvolvimento de relacionamento verdadeiro e contínuo com Deus⁸.

A cura virá quando acompanhada de crescimento espiritual capaz de salvar a pessoa de forma integral. A busca da saúde reduzida aos aspectos puramente biológicos e materiais, aproxima-se mais das terapias curandeiras, sem a ação solidária capaz de curar as pessoas, motivada pela profunda sintonia com o Deus da Vida.

8 A vigilância constante diante das dificuldades na missão

Muitas vezes, durante a missão restauradora de vidas, em meio às ameaças assustadoras da morte, dá vontade de desistir. Bate o cansaço, o desânimo e, em seguida, a tentação de querer desistir de tudo. É, portanto, necessário, manter-se em constante vigilância.

Vigiar, em grego, *gregorein* foi um tema com o qual Jesus associou dois outros: a oração e seu retorno (*parousia*). Em todos eles, contudo, o cuidado da vida e a reivindicação da existência para que seja plena, em abundância, estão presentes em inúmeros trechos da tradição sinótica, mas sobretudo em Marcos e Mateus.

Nos ensinamentos escatológicos de Jesus, a vigilância torna-se advertência que quase sempre conclui os discursos sobre este futuro certo e incerto (Mc 13,33-37; Mt 24,42-43; 25,13; Lc 12,37a). Há certeza da *parousia*, mas incerteza de sua época: “Atenção, e vigiai, pois não sabeis quando será o momento” (Mc 13,33).

No Getsêmani, o convite de Jesus para os três discípulos mais próximos, Pedro, Tiago e João, foi para que se associassem a ele em oração no momento em que se achava deprimido, em virtude das ameaças de morte (Mc 14,34; Mt 26,38) em virtude das ameaças de morte provenientes da sua ardorosa missão restauradora de vidas e instauradora de um novo tempo, os tão esperados tempos messiânicos.

Nesse momento, Jesus associou a vigilância à oração, como forma de resistir às tentações do desânimo (Mc 14,37-38; Mt 26,40-41). De fato, a perícopes completa de Marcos 14,32-42, que narra a permanência de Jesus no Getsêmani, antes de ser preso, pontua aspectos importantes da vigilância cristã diante das ameaças de morte na missão.

E foram a um lugar cujo nome é Getsêmani. E Ele disse a seus discípulos: “Permaneço aqui enquanto vou orar”. E, levando consigo Pedro, Tiago e João, começou a apavorar-se e a angustiar-se. E disse-lhes: “Minha alma está triste até a morte. Permaneço aqui e vigiai”. E, indo um pouco adiante, caiu por terra, e orava para que, se possível, passasse dele essa hora. E dizia: “Abba! (Pai)! Tudo é possível para ti: afasta de mim este cálice; porém, não o que eu quero, mas o que tu queres”. Ao voltar, encontra-os dormindo e diz a Pedro: “Simão, dormes? Não foste capaz de vigiar por uma hora? Vigiai e orai para não entrar em tentação: pois o espírito está pronto, mas a carne é fraca”. E, afastando-se de novo,

⁸ Sobre essa prática de curandeirismo no mundo antigo e, de modo especial, no contexto de Jesus, há um interessante capítulo (o VII), no livro de Giuseppe Barbaglio (2011, p. 219-259), que trata da atividade de Jesus como taumaturgo e exorcista, num mundo de curandeiros.

orava dizendo a mesma coisa. E, ao voltar, de novo encontrou-os dormindo, pois seus olhos estavam pesados de sono. E não sabiam que dizer-lhe. E, vindo pela terceira vez, disse-lhes: “Dormi agora e repousai. Basta! A hora chegou! Eis que o Filho do Homem é entregue às mãos dos pecadores. Levantai-vos! Vamos! Eis que o meu traidor aproxima-se”.

O modo de enfrentamento do perigo de morte, por Jesus envolveu um processo tríplice: (a) reconhecimento do perigo; (b) verbalização dos sentimentos; (c) oração.

A narrativa marcana não tem dificuldade em explicitar os sentimentos humanos e verdadeiros que acometiam Jesus – sentimentos de pavor e angústia – naquele momento da missão: “começou a apavorar-se e a angustiar-se”, *érxato ekthambeîsthai kai ademoneîn* (Mc 13,33). As palavras, profundamente humanas, descrevem o Jesus histórico com a humanidade que se perturba com a aproximação da ameaça da morte. Assustar-se (*ekthambeîsthai*) mistura espanto com o inesperado de situações alarmantes (Mc 9,15; 14,33; 16,5). Angustiar-se (*ademoneîn*) é uma palavra que ocorre apenas aqui e em Filipenses 2,26 ao longo de todo o Novo Testamento, em outro contexto onde risco de morte estava sendo mencionado – significa “uma ansiedade da qual não há escape e na qual se não se vê nem ajuda nem conforto” (CRANFIELD, 1966, p. 431).

O próprio Senhor Jesus, em uma atitude profundamente humana e terapêutica, reconhece e confessa sua condição de depressão e profunda tristeza: “A minha alma está triste até a morte”, *perilypos estin he psyché mou héos thanátou* (Mc 13,34). Expressar os sentimentos para os companheiros (Mc 13,34) e depois para o próprio Deus (Mc 13,35-36) realiza aquilo que o prof. Adalberto Barreto muitas vezes insiste em dizer nas práticas da Terapia Comunitária Integrativa: Quando a boca cala, o corpo fala [por meio de doenças e males], mas “quando a boca fala, os órgãos saram” (PESTANA, 2017, p. 99).

A oração de Jesus no Getsêmani torna-se modelo de fé, por crer na possibilidade de superar a morte em meio à real possibilidade de ter que sucumbir à morte (Mc 13,36). O enfrentamento da possibilidade da morte se faz com plena consciência dos sentimentos e limitações humanas.

9 Considerações finais

A vida de Jesus tornou-se modelo e paradigma para a igreja primitiva em sua práxis diante das enfermidades e das questões de saúde pública que se enfrentava naquele contexto histórico. Os textos acima analisados indicam que há um apelo do Evangelho segundo Marcos à conversão, a partir do testemunho de Jesus, concebido então como evangelho vivo, boa notícia que anuncia um outro Reino possível.

Jesus assume para si, como bom pastor, o compromisso de cuidar do rebanho. Imediatamente “começou a ensinar-lhes muitas coisas...” (Mc 6,34). Interessante observar aqui o verbo “ensinar”. Não é explicitado diretamente qual ensinamento é dado aos discípulos. Mas, nas entrelinhas do texto, fica claro que o ensinamento é prático: a solidariedade por meio da partilha dos bens. De fato, ao longo do Evangelho de Marcos, como uma de suas características peculiares, os ensinamentos de Jesus são transmitidos, sobretudo, por meio de gestos concretos, personificando as expectativas messiânicas em torno do enviado de Deus, que vem restaurar a justiça na sociedade.

Nessa perspectiva da compaixão solidária, as curas de Jesus inauguram o Reino de Deus, convidando à sua constante atualização por meio da práxis de misericórdia visceral que inclui a integralidade da saúde num grande e amplo projeto salvífico para toda humanidade. Proclamar, promover, exigir e lutar por cuidados e programas de assistência nas casas e comunidades, mesmo nos lugares mais desassistidos, combina com a liturgia da oração vigilante que (re)vive o Getsêmani, na esperança da ressurreição.

De fato, em última análise, o mais importante, o verdadeiramente fundamental é a mudança de comportamento humano, *metanoia*, termo grego traduzido por conversão. E isso só é possível por adesão, baseada na livre e espontânea vontade, a partir de princípios internalizados e adotados como novo padrão de comportamento.

Referências

- BARBAGLIO, Giuseppe. *Jesus, hebreu da Galileia: pesquisa histórica*. São Paulo: Paulinas, 2011.
- BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.
- CRANFIELD, C. E. B. *The Gospel according to Saint Mark*. Cambridge: Cambridge University Press, 1966.
- DICIONÁRIO de grego-português. Porto: Porto Editora, 2010.
- DOUGLAS, Mary. *Pureza e Perigo*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- FABRIS, Rinaldo. O Evangelho de Marcos. In: FABRIS, Rinaldo; BARBAGLIO, Giuseppe. *Os Evangelhos I*. São Paulo: Loyola, 2014. p. 421-621.
- GINGRICH, W. F.; DANKER, W. F. *Léxico do Novo Testamento Grego/Português*. São Paulo: Vida Nova, 1984.
- HORSLEY, Richard A. *Arqueologia, história e sociedade na Galileia*. O contexto social de Jesus e dos Rabis. São Paulo: Paulus, 2000.
- HORSLEY, Richard A. *Jesus e o Império: o reino de Deus e a nova desordem mundial*. São Paulo: Paulus, 2004.
- MACLAURIN, E. Colin B. The Semitic Background of Use of ‘*En Splachnois*’, *Palestine Exploration Quarterly*, v. 103, n. 1, p. 42-45, 1971. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1179/peq.1971.103.1.42>. Acesso em: 27 jun. 2020.
- MYERS, Ched. *O Evangelho de São Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1992.
- NOLAN, Albert. *Jesus antes do cristianismo*. São Paulo: Paulinas, 1988.
- ORTIZ, Pedro. *Dicionário do grego do Novo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2008.
- PERONDI, Ildo. Lucas: o evangelho da misericórdia. *Caminhos de Diálogo*, Curitiba, v. 5, n. 7, p. 72-81, jan./dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/caminhosdedialogo/article/view/24600>. Acesso em: 17 jul. 2020.
- PERONDI, Ildo. Presenças do verbo *mover-se de compaixão (splachnízomai)* nos evangelhos sinóticos. *Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, v. 46, p. 162-173, jan./abr.2014. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/23358/23358.PDFXXvmi=>. Acesso em: 17 jul. 2020.

PESTANA, Linda Siokmey Tjhio César. *A Terapêutica Integral: Milagres de Jesus e a Terapia Comunitária Integrativa*. São Paulo: Fonte Editorial, 2017.

RUSCONI, Carlo. *Dicionário do Grego do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2003.

SCHIAVO, Luís; DA SILVA, Valmor. *Jesus, milagreiro e exorcista*. São Paulo: Paulinas, 2000.

SOARES, Sebastião Armando Gameleira; CORREIA JÚNIOR, João Luiz; OLIVA, José Raimundo. *Comentário do Evangelho de Marcos*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

THEISSEN, Gerd; MERZ, Annette. *O Jesus histórico: um manual*. São Paulo: Loyola, 2002.

VIDAL, Sénen. *Jesus, o Galileu*. São Paulo: Loyola, 2009.

VOIGT, Emilio. *Contexto e surgimento do Movimento de Jesus*. As razões do seguimento. São Paulo: Loyola, 2014.